



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Empresa Editora: Tip. "União Gráfica" T. do Despacho, 16-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria"

FÁTIMA, excelso trono da Mãe de Deus, em terras de Portugal

Fátima, lugar querido dos católicos portugueses, pois não é centro de piedade meramente regional, é um santuário nacional, centro de que irradiam os eflúvios da graça até para além das fronteiras!

(Sr. Conselheiro Fernando de Sousa, em editorial do jornal «A Voz» número de 14 de Outubro último).

O dom do Coração de Maria

Mais uma vez, Fátima, a gloriosa Lourdes portuguesa, escreveu páginas de ouro, engastadas de trechos sublimes, no livro maravilhosamente belo da sua divina história de catorze anos.

É ali, no vasto recinto dos santuários, aos pés de Jesus-Hóstia e da Virgem Maria, que está piedosamente ajoelhada, em sentida homenagem de adoração e amor, a alma religiosa da Pátria, o coração católico de Portugal.

Os crentes, impulsionados pela sua fé e pela sua piedade, acorrem em multidão à Cova da Iria, para haurirem, na contemplação das grandes manifestações religiosas de cada dia 13 que passa e nas graças que irradiam daquele trono de amor e misericórdia da Mãe de Deus, a força indispensável para as lutas da alma e para as tormentas da vida.

Há quasi três lustros que Fátima, situada precisamente no centro geográfico do país, é o polo magnético poderosíssimo que possui o mago condão de atrair dum modo irresistível todos os que têm fome de ideal, sede de virtude e perfeição, anelos de paz, ansia infinita de luz, amor e vida.

Enquanto o mundo se agita e convulsiona, em mutações de cena súbitas, inesperadas e formidáveis, derruindo tronos, desencadeando ódios, revolucionando povos, produzindo lutas fratricidas e suscitando em todos os espiritos as mais sérias apreensões acerca do futuro da civilização, Fátima ergue-se para o Céu, sobre a predestinada terra de Santa Maria, como um paraíso gigantesco, a desviar os golpes da justiça divina, irritada com as culpas individuais e as iniquidades colectivas e a atrair sobre Portugal e o universo as misericórdias de Deus pelas mãos da Virgem sem mancha, Padroeira da Nação!

Fátima, páramo de luz, estância de paz, foco intenso de amor divino, que caldeia as almas e os corações, purificando-os e apontando-lhes os seus eternos destinos, bendita seja, como bemdita seja também, mil vezes bendita, Aquela que te concebeu e fez nascer, numa explosão de ternura misericordiosa do seu coração maternal, em favor dos seus filhos queridos de Portugal!

A procissão das velas

Ao cair da tarde do dia 12, já uma multidão de muitas dezenas de milhar de fiéis cobria como uma enorme mancha negra a parte mais central do lugar das aparições.

Essa multidão foi engrossando cada vez mais, até às dez horas da noite com a chegada de novos peregrinos, vindos de todas as direcções.

A essa hora iniciou-se a procissão das velas, sempre antiga e sempre nova, que se desenvolveu através das avenidas do recinto do Santuário, enchendo-o de luz e de vida.

Durante a procissão, em filas alinhadas, viam-se as peregrinações de Arrabal (Batalha), de S. Mamede de Infesta

(Pôrto), de Extremoz, de Rio de Couros (Leiria), da Ordem Terceira de S. Francisco a Jesus (Lisboa), de Cela (Alcobaça), da Lousã, de Bemfica (Lisboa), do Patriarcado de Lisboa, de Pousalvores (Ancião), de Nespereiral (Sinfaes), de Alcobaça, de Valverde (Alcanede) e da Empresa de Cimentos de Leiria. Estas peregrinações precedidas dos respectivos estandartes e acompanhadas pelos seus directores espirituais, dirigiram-se primeiro para a capela das aparições, cantando em cântico o *Ave*, juntamente com a multidão que, abrindo alas à sua passagem, assistia ao desfile cheia de entusiasmo e comoção.

Depois de recitado o terço do rosário, intercalado de jaculatórias, o maravilhoso cortejo percorreu o itinerário do costume e dissolveu-se em frente do pavilhão dos doentes, onde se cantou o *Credo* de Lourdes. Ao *Credo* seguiu-se a

Adoração nocturna

A adoração nocturna, que principiou à meia-noite, foi presidida pelo Senhor Bispo de Leiria, que teve a assistir os Senhores Bispos de Macau e de Beja. Da meia-noite às 2 horas realizou-se a adoração nacional, tendo o Senhor Bispo de Beja explicado os mistérios do Rosário, das 2 às 3, a da peregrinação de S. Mamede de Infesta, das 3 às 4, a da peregrinação de Rio de Couros, e das 5 às 6, a da peregrinação da Ordem Terceira de S. Francisco, de Lisboa.

As missas e comunhões

Celebrou a primeira Missa, a Missa dos servitas, o rev.^{do} dr. Marques dos Santos, capelão-director das associações de servitas.

As 6 horas, o Senhor Bispo de Beja celebrou a Missa da Comunhão geral. Depois, entre outras, rezaram-se as missas privativas das peregrinações de Extremoz, de Rio de Couros, de S. Mamede de Infesta e da Ordem Terceira de S. Francisco.

Os homens e rapazes que se aproximaram da mesa eucarística para receberem o Pão dos Anjos tinham-se confessado durante a noite e pela manhã na capela da Penitenciaría, onde numerosos sacerdotes estiveram sempre à sua disposição para esse fim.

Calcula-se em cerca de quinze mil o número de comunhões, a avaliar pelas partículas consagradas que se distribuíram.

Missa, sermão e bênção dos doentes

A missa do meio-dia solar, vulgarmente conhecida pela designação popular de missa dos doentes, foi celebrada pela segunda vez no altar improvisado defronte da grande Basílica em construção. Foi celebrante o ilustre Bispo missionário, Senhor D. José da Costa Nunes. Momentos antes de principiar a missa, tinha sido feito processionalmente o transporte da imagem de Nossa Senhora de Fátima para um trono junto do altar.

Ao Evangelho o venerando celebrante proferiu um eloquentíssimo sermão, que foi ouvido pela multidão imensa que àquela hora enchia a Cova da Iria graças aos potentes megafónios colocados em diversos pontos do vasto recinto.

O ilustre Prelado agradece à Virgem a graça que lhe concedeu de poder visitar Fátima, laboratório celeste, oficina

dem, não há respeito pelo próximo. Os católicos são a guarda avançada do exercício da ordem.

Não existe vida cristã sem um alto pensamento de fé a presidir a todos os nossos actos. O catolicismo é um conjunto de verdades e preceitos que é preciso abraçar e praticar. Todos devem ser católicos em casa e fóra de casa, dentro

zendo evoluções e saudando os peregrinos.

No fim da missa o Senhor Bispo de Macau deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes. Levava a umbela o sr. Conselheiro Fernando de Sousa.

Enquanto um sacerdote fazia as invocações do costume, correspondidas pela multidão dos peregrinos, os doentes rezavam e choravam, suplicando a Jesus-Hóstia a cura ou alívio dos seus males ou a resignação e o conforto necessários para levar a cruz do seu sofrimento com mérito para o Céu.

A procissão da despedida

Cantado o *Tantum ergo* e dada a bênção geral com o Santíssimo Sacramento, o Senhor Bispo de Leiria pediu a recitação das Ave-Marias por diversas intenções, entre as quais a intercessão de Nossa Senhora de Fátima para se obter a paz religiosa em Espanha, como tinha sido solicitado pelos Senhores Bispos de Tuy e Barcelona.

Depois os três Prelados presentes benzeram os objectos religiosos apresentados pelos peregrinos e deram juntamente a bênção geral. Por fim realizou-se a procissão do adeus, afim de transportar a veneranda imagem da Virgem para o seu altar na capelinha das aparições. Esta procissão, que percorreu o itinerário do costume, revestiu, como sempre, uma beleza e uma imponência extraordinárias. O adejar contínuo dos lenços, os cânticos piedosos, as aclamações à Virgem, as lágrimas de intensa comoção que brotam de tantos olhos, a fé e a piedade de tantas dezenas de milhar de pessoas, tudo isso constitui um espectáculo sobremodo impressionante que prende, comove e encanta, enchendo as almas e os corações, daqueles que teem a ventura de o presenciar, da mais pura e intensa alegria e das mais suaves e perduráveis consolacões.

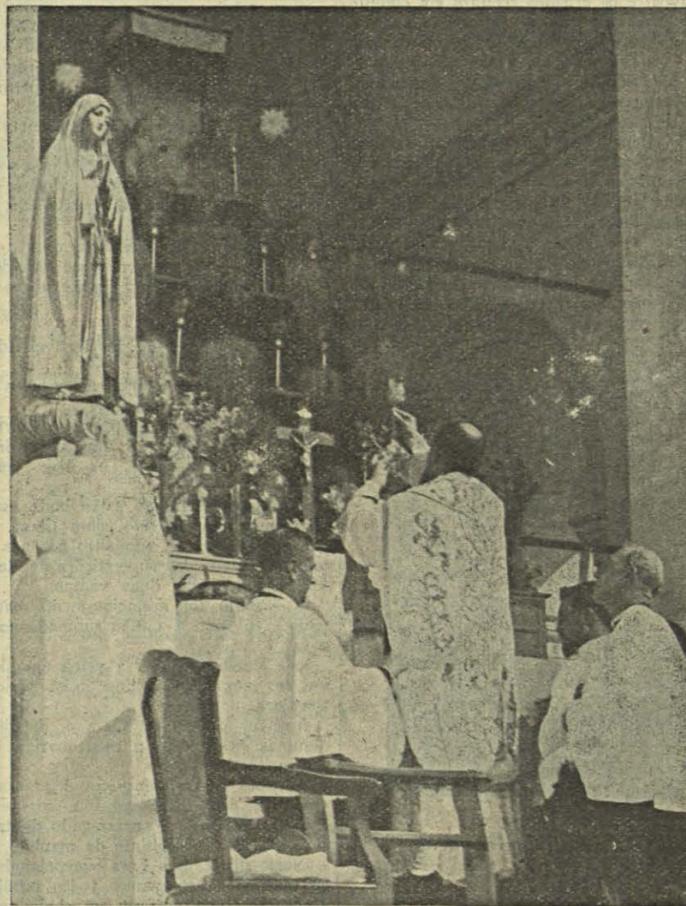
O monumento ao S. C. de Jesus

Uma surpresa das mais agradáveis e mais inesperadas para quasi todos os peregrinos foi o monumento recentemente erigido na Cova da Iria em honra do Sagrado Coração de Jesus.

A formosíssima imagem assenta sobre uma alta coluna de mármore branco, ao centro do depósito da água da fonte miraculosa, que tem a capacidade de cento e sessenta pipas, precisamente no ponto de convergência dos dois planos inclinados do recinto das aparições, em frente da Basílica.

Os peregrinos, ao entrarem no local sagrado, estavam de súbito, admirados e extáticos, na contemplação muda e admirativa da linda e encantadora estátua do Divino Rei de Amor, que, de braços estendidos, parece estar convidando todos a acolherem-se sob o manto protector da sua realeza de paz, amor e misericórdia.

Ao *Credo* um avião «Viker» passou várias vezes por cima da Cova da Iria, fa-



S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Bispo de Macau celebrando a missa dos doentes em frente da nova Igreja em construção.

de milagres. Fala das nossas tradições e das nossas glórias missionárias. Diz que vinha ali trazer as homenagens do povo cristão do Extremo Oriente e ao mesmo tempo aquecer a sua devoção ao contacto da de tantos milhares de portugueses. Tendo percorrido as regiões onde nasce o sol, encontrou por toda a parte, na Malásia, na Tonkín, na China, no Japão, um vivo sentimento de devoção para com a Virgem, cujo nome foi levado pelos portugueses, aquelas longínquas paragens juntamente com a fé cristã.

Sem religião não há paz, não há or-

No albergue de N. S. de Fátima

Foram cerca de duzentos os doentes que, depois de prévio exame no Posto das verificações médicas, obtiveram o respectivo bilhete de ingresso no Pavilhão para assistirem à missa do meio-dia e receberem a bênção do Santíssimo Sacramento.

Entre as enfermidades de que sofriam predominavam as do aparelho respiratório. Foram também constatados alguns casos de lepra e de cancro.

Durante a inscrição dos doentes prestaram gentilmente os seus serviços os srs. drs. Pereira Gens, director do Posto, Luz Preto, Augusto Mendes, António Li-

ma, José Bonifácio, Luís Carlos da Conceição, Alberto Lóbo de Abreu e Abílio Tomé.

É digna dos mais rasgados encômios a dedicação dos servos e das servas de Nossa Senhora de Fátima, aqueles superiormente dirigidos pelo sr. Major Pereira dos Reis, coadjuvado pelo sr. dr. Carlos Mendes, e estas pela sr. D. Piedade Lemos, directora do Pensionato de Nossa Senhora de Fátima, de Leiria.

Prestaram também os seus serviços como «servitas» o sr. dr. Afonso Lopes Vieira e sua Espôsa, que raras vezes faltam em Fátima no dia treze de cada mês.

Visconde de Montelo

O culto de Nossa Senhora de Fátima EM MACAU

Da revista — Religião e Pátria — que se publica em Macau, transcrevemos o seguinte para conhecimento e edificação dos nossos queridos leitores e como homenagem a S. Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Bispo D. José da Costa Nunes, o grande devoto da Senhora de Portugal, como à Virgem da Fátima chamam os cristãos do Oriente.

O dia 13 de maio, 2.º aniversário da Colonização de N.ª Senhora de Fátima em Macau, foi um verdadeiro triunfo da mesma Senhora, e uma manifestação solene e entusiástica do bom povo Macaense para com Ela.

A igreja de S. Domingos que a Senhora escolheu para sua «Cova de Iria» aqui, esteve todo o dia, pode dizer-se, cheia de povo que ia orar diante dela. Em tôdas as Missas se distribuíram muitas comunhões.

De tarde, depois das Vésperas solenes, formou-se a procissão das velas. Eram 7 h. quando se começou a mover a procissão em direcção à Penha.

Encorporaram-se nela milhares de devotos, quasi todos com velas na mão.

A estátua da Senhora ia num carro dos bombeiros, ricamente ornado de lírios e iluminado, com profusão. Cercavam-no anjinhos lindamente enfeitados e as Filhas de Maria de N.ª Senhora de Fátima com o seu primoroso uniforme.

Durante o trajecto, o Seminário, os Congregados Estudantes, os colégios dos Salesianos, de Santa Rosa de Lima, da Beneficência com seus estandartes, bem como a Confraria do Rosário foram sempre cantando, sendo acompanhados entusiasticamente pelo povo.

Eram 8 1/4 quando o andor entrou no adro da ermida da Penha, que estava profusamente iluminada. No lado que olha para a cidade lia-se — **Protegei Portugal.**

A iluminação da fachada era rematada pelo monograma de Maria artisticamente debuxado, e encimado pela corôa que lhe é própria.

Feito silêncio no adro da ermida que estava coalhado de povo, bem como em baixo na esplanada, que se estende adiante da gruta, começaram os Sermões, em Português pelo R. P. António M. Alves, e em Chinês pelo R. P. Domingos Yim

Nos aterros conquistados ao mar, a nordeste da Ilha Verde, depois do violento incêndio de há dois anos que ali reduziu a cinzas centenas de barracas de ola, surgiu, como por milagre, nesse local purificado pelo fogo, com o valioso auxílio prestado pelo Governo da Colónia e por alguns chineses abastados, um formoso bairro, de espaçosas ruas, já arborizadas, as quais, crescidas as árvores, serão lindas alamedas. Conta já 420 casas de tijolo e é destinado a ser o maior bairro do operariado de Macau.

Foi nesta parte nova da cidade, habitada por uma população chinesa, quasi totalmente pagã, superior a 3.000 almas, que, no dia 13 de Maio, 13.º aniversário da primeira aparição de Nossa Senhora em Fátima, Macau, depois de haver sido a primeira cidade do Extremo-Oriente a propagar entre os seus filhos o culto e devoção a N.ª S.ª do Rosário de Fátima, pode hoje ufanar-se também de ter sido a primeira a dedicar-lhe um santuário, pósto que, por ora, seja simplesmente uma pequena e humilde capela construída pelo zelo infatigável do Sr. Bispo de Macau auxiliado pelo seu cooperador Rev. P.º José Monteiro.

A sua superfície interior mede 11,80 de comprimento por 5,55 de largura, tendo anexos dois quartos que lhe servem de sacristia.

Na capela-escola em cujo altar se venera uma rica e linda estátua de N.ª Sr.ª de Fátima, oferecida por um grupo de devotos de Hongkong, celebra-se o Santo Sacrifício da Missa, nalguns dias festivos, e os cristãos recitam em comum as orações nos sábados à tarde e nos domingos; nos dias feriados funciona uma aula de chinês elementar, frequentada por 36 crianças de ambos os sexos, cuja professora exerce simultaneamente o munus de catequista.

Nas duas casas, alugadas, da aldeia, mais próximas da capela-escola, residem a mestra-catequista e a médica-catequista, encarregada do dispensário. Uma casa serve-lhes de dormitório para elas e criadas, a outra de sala de visitas, sala de doutrina e de dispensário. No dispensário foram já baptizadas 5 crianças, de pais pagãos, que, regeneradas pela graça baptismal, dali partiram para o céu.

Famílias cristãs...	24
Famílias catecúmenas...	8
Cristãos baptizados...	66
Catecúmenos...	32

No dia da inauguração da Capela foi ali administrado o primeiro Baptismo a uma recém-nascida menina, a quem foi dado o nome de Maria do Rosário da Fátima, sendo também sua Madrinha, por devoção, Nossa Senhora da Fátima.

O copo de água ou ágape fraternal,

res, massacrados pelo ódio bolchevista na China.

Como os antigos cristãos fugiam para Macau no tempo das perseguições, assim estes, ainda hoje, vieram procurar nesta cidade um asilo seguro contra a perseguição comunista.

A escola fundada pelo R. Monteiro, encarregado desta Missão, é frequentada por crianças ainda pagãs, mas que aprendem a conhecer Deus, Nosso Senhor.

Está debaixo da protecção de N.ª Se-



MACAU — Alunos da Escola da Missão de N. S. da Fátima.

tanto em uso entre os cristãos chineses em semelhantes festas, foi, pela escassez do tempo, celebrada com sumo júbilo de todos no domingo seguinte.

A muitos dos cristãos desta Missão circula-lhes nas veias o sangue de márti-

nhora de Fátima e é sustentada por benfeitores de Macau e Hong Kong.

O Sr. Bispo de Leiria enviou medalhas de Nossa Senhora de Fátima para as crianças, para a sua desvelada professora e para o R. Padre Missionário.

O Rosário da irlandesa

«Durante uma missão pregada em Londres, o P.º Conway, velho missionário, foi convidado a visitar uma nobre família. A dona da casa trazia, junto com os seus adereços, um modesto Rosário de carvalho da Irlanda; e, como o missionário se mostrasse um pouco surpreendido, diz a senhora:

«— V. Rev.ª quer que lhe conte a história deste Rosário?»

«— Com o maior prazer, minha senhora.»

E a nobre senhora começa assim: Em primeiro lugar devo dizer-lhe que a família de meu marido era do número dos mais fanáticos entre os protestantes e que as minhas ideias a respeito dos católicos eram certamente falsas. Tinham-me ensinado que a ignorância e a idolatria eram os seus grandes defeitos. Por isso eu e meu marido tínhamos todo o cuidado para que nenhum católico viesse para nosso serviço ou tratasse dos nossos filhos.

Um dia a minha creada de quarto vem ter comigo e diz-me como que fora de si: «O minha senhora, quer ver o que eu achei?»

«— Que é isso?»

«— Não vê? É um dos terríveis ídolos dos papistas!»

E estendendo a mão entregou-me o Rosário que V. Rev.ª aqui vê.

«— A porta da entrada, a porteira diz que é pertence a uma velha irlandesa que vem todos os dias vender agriões.»

Levei o Rosário ao salão onde estava Henrique, meu marido, com Clara, sua irmã mais nova, e, enquanto nós nos ríamos à vontade das superstições de Roma, foram anunciadas duas visitas.

O Rosário foi minuciosamente examinado. No fim, a minha cunhada exclamou:

«— Mandem cá vir a velha amanhã e vai ser um pagode, uma coisa pândega a valer.»

Aprovei a ideia de Clara e, depois de algumas hesitações, o meu marido consentiu também.

As duas visitas foram convidadas a assistir à cena para gozarem com ela e um dos criados foi encarregado de trazer a velha no dia seguinte de manhã.

Nesse dia a uma hora excepcionalmente matinal lá estávamos todos reunidos. Henrique tinha entrado em cheio no espírito da brincadeira e eu, cá por dentro pensava que seria facilimo converter esta pobre e ignorante criatura.

«— Ah! vem ela, exclamou repentinamente o meu marido, e todos fomos para a janela para ver aquela velhinha, de fraca aparência, vindo pelo jardim fora ao lado do nosso criado, rapaz de alta estatura.

Ela parecia discutir e protestar vigorosamente.

«— Entrar assim nesse lindo salão com os sapatos cheios de lama, isso não o faço! Não, isso não. A senhora que faça favor de vir cá baixo e dizer-me o que quer.»

«— Não, não, mulherzinha. Entre, entre, lhe disse eu encaminhando-a para a

porta. Não tenha medo que nós não lhe fazemos mal!»

Ela fez uma reverência à velha moda.

«— Fazer-me mal a mim? Quem é que no mundo me queria fazer mal?»

«— Certamente ninguém, mas entre!»

Lá se convenceu e entrou, seguindo-se logo a seguinte cena:

«— Boa mulherzinha, vocecê perdeu alguma coisa?»

«— Se perdi, não o sei. E que é que eu posso ter perdido?»

«— Veja lá, vocecê perdeu alguma coisa! Perdeu o seu Deus.»

«— Perder o meu Deus! Ele me livre de tal! Que é que quer dizer com isso?»

«— Não se zangue. Perdeu uma coisa que vocecê, os papistas, adoram.» E apresentei-lhe o Rosário.

«— Oh! Acharam o meu rico terço? Que Nosso Senhor lhes pague, minha senhora, e é tudo quanto posso dizer-lhe.

«— Mas olhe lá: vocecê não sabe, mulherzinha, que é pecado adorar os ídolos?»

«— Mas eu não adoro ídolos». E a pobre irlandesa, pondo-se muito direita, explicou que fóra o Padre Mahoney, que Deus haja, que lhe ensinara a rezar o Rosário e a sua significação.

Eu sorri com piedade e retorquiu:

«— Leia a sua Bíblia, creaturinha, e não se deixe escravizar e enrodilhar pelos seus padres!»

A piedosa irlandesa, esquecida da sua timidez, desatou a rir:

«— Oh! minha senhora, eu não sei nem uma letra mas isso não me faz falta para conhecer a minha religião.»

E entretanto ia deixando passar pelos dedos as contas negras do seu terço, dizendo:

«— Eu bem sei que as senhoras se riem de mim! Deixá-lo, mas vou dizer o que leio no meu terço e o que é que ele me ensina.

E com uma voz alta e firme, de olhar vivo, começou:

«— Veem este crucifixo? Pois bem! Quando olho para ele penso como Jesus morreu por mim no Calvário, penso em tôdas as suas chagas, em todos os seus sofrimentos e digo: «Meu doce Jesus, livrai-me de vos ofender!» e beijava com fervor a cruz do seu terço.

«— Vêem agora esta conta grande e estas três pequenas? Dizem-me elas que há só um Deus e três pessoas. Estas dez contas pequenas lembram-me que há dez mandamentos da lei de Deus que eu devo guardar.»

E a santa mulher se pôs a contá-los, e depois, parando um pouco para tomar fôlego continuou:

«— O Rosário em si mesmo é composto de quinze mistérios em honra da Mãe de Deus: cinco gozosos (e enume-ro-os); cinco dolorosos (e nomeou-os) e cinco gloriosos, e, elevando a voz enquanto os contava, ajuntou:

«— Quando vou por esse mundo a ver se ganho a vida honestamente digo os mistérios gozosos. Quando o dia corre mal e eu me pergunto a mim mesmo onde é que hei de cear, repito os mistérios dolorosos e digo a mim mesma: Maria Feenam, para que te inquietas? Um dia tudo há de acabar e Deus te dará a graça para acabares bem. E quando as

minhas aflições estão passadas, o menos que posso fazer é recitar os mistérios gloriosos em honra daquela que é Mãe de nós todos. E é assim que eu passo os meus dias.

«— Está bem, já conversámos muito, murmurou meu marido, dá lá o terço a essa mulher e deixa-a ir.»

Nenhum de nós cuidou mais de falar das coisas admiráveis que tínhamos ouvido, mas eu me perguntava a mim mesmo se era esta a religião que me ensinaram a desprezar.

Muitas vezes mais voltei a falar com a velha Maria que, quando eu lho pedi, me deu da melhor boa vontade o seu Rosário.

E, finalmente, chegou o dia em que eu pedi a um sacerdote para me instruir e preparar para a recepção do baptismo.

Depois de o receber na Igreja Católica, disse-o a meu marido que ficou tão irritado como eu nunca o tinha visto. Mas eu esperei, rezei e no fim dalgumas semanas, êle me diz:

«Vai lá tu à tua igreja, se assim te apraz, que eu e os nossos filhos vamos à nossa.»

O tempo foi passando até que um dia eu lhe digo:

«— Henrique, vem hoje comigo.»

Êle cedeu e no fim desse ano tive a indizível felicidade de ver os meus sete filhos e o pai recebidos no seio da única verdadeira Igreja.

A senhora parou.

«— E é assim que V. Ex.ª traz todos os dias esse Rosário da velha irlandesa? lhe disse eu, depois de uns momentos de silêncio.

«— Sempre, padre, e muitas vezes nas soirées ou recepções, algumas senhoras das minhas relações veem examinar as contas.

«— Que extraordinárias joias! Vieram da India?»

«— Não, não vieram da India.»

«— E valem muito?»

«— Caríssimas! Para mim valem muitos contos.»

E logo que está satisfeita a curiosidade da minha interlocutora, conto-lhe a história que acabo de contar a si e é assim que o Rosário da minha boa velhinha irlandesa vai ainda fazendo bem e exercendo o seu apostolado.»

A religião já fez o seu tempo

Não é muito raro ouvir por aí esta tola expressão.

Quererio talvez dizer que a religião não satisfaz já as necessidades modernas e que terão coisa que a substitua com vantagem.

Vamos provar que Jesus Cristo é indispensável ao mundo e que a sua religião é insubstituível.

Temos uma alma e esta alma tem um destino que não pode regular-se fóra de Jesus Cristo. Qualquer dia desapareceremos mas a morte não é o nada. E a conclusão da vida presente e o princípio da vida futura.

Ora, nessa vida futura quem é que nos receberá e colocará no nosso lugar? Tôdas as vozes da terra, se calam e nós temos de responder à voz do nosso Juiz e este Juiz tem um nome: chama-se Nosso Senhor Jesus Cristo. E Jesus Cristo é o rei das almas.

— Temos uma intelligencia e esta põe questões que só Jesus Cristo pode resolver.

«Quando se não quer ouvir (diz Bossuet), cada um arma um tribunal dentro de si mesmo em que se torna o árbitro da sua crença e como a licença não tem freio, uns não cessam de disputar tomando os seus sonhos por inspirações, enquanto outros vão procurar um repouso funesto na indiferença e no ateísmo.

Os absurdos em que caem negando a religião tornam-se mais insustentáveis que as verdades cuja altura os espanta e para não seguirem mistérios incompreensíveis, vão caindo, uns atrás dos outros, em erros incompreensíveis.»

Ah! como com pena magistral Bossuet descreve bem os desvios intellectuais dos descrentes! Jesus Cristo é o Doutor das intelligencias.

— Temos uma vontade e esta vontade tem deslizes, falhas, fraquezas que só Jesus Cristo pode curar. Bem sei que o homem honesto sem religião se traça um programa de dignidade moral. Mas, em presença das mil tentações que o agitam por dentro e o assediam por fóra, falta-lhe a força e a sua virtude acaba, pois que só Deus não acaba. E, novamente me vem à memória o incomparável Bossuet.

«Causa horror e faz tremer, diz ele, quando se considera o que pode fazer o esquecimento de Deus e este terrível pensamento de não ter nada acima da cabeça.»

Procure-se fóra de Jesus Cristo alguma coisa que nos domine, que nos regule, que nos faça parar na ladeira, que nos reprima, que nos levante. Não se en-



MACAU — Capela de N. S. da Fátima, anexa à paróquia de S.º Antonio

que foram ouvidos com grande atenção por toda a multidão que se apertava em volta dos respectivos púlpitos, colocados de frente da capela e da gruta.

Seguiu-se dentro da Capela o *Te Deum* e a *Bênção do SS.º*, que foi dada também aos enfermos.

A imagem da Senhora só à meia-noite recolheu para dentro da ermida, pois teve sempre até àquela hora muitas pessoas piedosas a orar devotamente junto dela.

A procissão de N.ª Senhora de Fátima como aparece daqui, está sendo a 1.ª procissão em Macau. Bem haja pois este bom povo e todos aqueles que vêm trabalhando com zelo de apóstolos em promover cada dia mais esta devoção entre nós.

É realmente visível a bênção e a graça celeste, trazida a este torrãozinho português, na China, pela Padroeira e Mãe dos portugueses, Nossa Senhora de Fátima.

A terceira casa é destinada a servir aos homens, de reunião, de recreio e de catequese.

A mestra-catequista é subsidiada pela paróquia de Santo António. A médica-catequista, o dispensário e aluguel das casas são pagos pela caridade dum grupo de Bem-feitores e Bem-feitoras, de Macau, de Hongkong e de Shanghai.

O número de famílias cristãs e catecúmenos presentemente ali estabelecidos vem a ser:

contra nada ou quasi nada. Jesus é o regulador das vontades vacilantes.

Temos um coração e no coração ha feridas que só Jesus Cristo pode tocar com a sua mão acariciadora e divina.

Foje a fortuna, vem a doença, a calunia rásga-nos a reputação, as flôres que ornavam os berços fenecem, cavam-se sepulturas, fazem-se ruínas, abrem-se abismos, saltam fontes perpétuas de lágrimas dum coração já atravessado por mil espadas.

Jesus Cristo que conta tantos inimigos porque é puro, porque é intransigente contra o orgulho e contra a malícia impenitente, tem, no entanto, um imortal defensor, um cúmplice impenitente que assegura o seu império neste mundo...

Nós não estamos sós no mundo. Pertencemos a uma familia. E se a nossa familia se escapa a Jesus, será esta mais unida, mais moralisada, mais feliz?

Não, nunca tal fenómeno se passou debaixo do sol. Quando Jesus Cristo se vai duma alma joven, vem logo as paixões substituí-lo.

Quando a fé baixa na vossa casa, a virtude não sobe. Deixando de ser cristã, a familia nada tem a ganhar e tudo a perder.

Mais alto que a familia está a Patria. E o que faz a prosperidade dum povo é, em primeiro lugar, o seu nivel moral.

O abaixamento do nivel moral é o sinal e a causa da decadencia mesmo material. São as creanças fortes que fazem os bons costumes.

Quando a fé baixa na vossa casa, a virtude não sobe. Deixando de ser cristã, a familia nada tem a ganhar e tudo a perder.

Quando a fé baixa na vossa casa, a virtude não sobe. Deixando de ser cristã, a familia nada tem a ganhar e tudo a perder.

Quando a fé baixa na vossa casa, a virtude não sobe. Deixando de ser cristã, a familia nada tem a ganhar e tudo a perder.

Quando a fé baixa na vossa casa, a virtude não sobe. Deixando de ser cristã, a familia nada tem a ganhar e tudo a perder.

Quando a fé baixa na vossa casa, a virtude não sobe. Deixando de ser cristã, a familia nada tem a ganhar e tudo a perder.

Quando a fé baixa na vossa casa, a virtude não sobe. Deixando de ser cristã, a familia nada tem a ganhar e tudo a perder.

Quando a fé baixa na vossa casa, a virtude não sobe. Deixando de ser cristã, a familia nada tem a ganhar e tudo a perder.

Quando a fé baixa na vossa casa, a virtude não sobe. Deixando de ser cristã, a familia nada tem a ganhar e tudo a perder.

Quando a fé baixa na vossa casa, a virtude não sobe. Deixando de ser cristã, a familia nada tem a ganhar e tudo a perder.

Quando a fé baixa na vossa casa, a virtude não sobe. Deixando de ser cristã, a familia nada tem a ganhar e tudo a perder.

Quando a fé baixa na vossa casa, a virtude não sobe. Deixando de ser cristã, a familia nada tem a ganhar e tudo a perder.

Quando a fé baixa na vossa casa, a virtude não sobe. Deixando de ser cristã, a familia nada tem a ganhar e tudo a perder.

Se expulsais o Evangelho, pensais que a humanidade possa viver das negações de Renan ou das porcarias de Zola?

Abatei a cruz, mas que mal vos fez ela e para que suprimir esse sinal adorável de imolação, esta única esperança dos que choram?

Se fechardes as escolas cristãs onde encontrareis o dinheiro e a dedicação que baste às necessidades do povo?

Se expulsais as almas consagradas a Deus, é a flôr da humanidade que se vai e quem é que ficará depois para rezar, para pregar, para ensinar, para se dedicar heroicamente?

Pretendereis passar sem o cristianismo mas fóra dele não há um sistema que tenha valor nem mesmo pedras para edificar um bocado de parede, um abrigo. Demolir sem poder construir. Uns bárbaros.

Em lugar da religião ides por a leitura, a escrita, as contas. E sereis assim mais honestos, mais fortes?

As letras, as ciências, as artes; mas o que são elas sem Deus, senão brilhantes inutilidades ou instrumentos de corrupção?

O bem estar! Mas ele não existe em parte nenhuma. Além disso não é com o bem estar que se faz uma civilização ou um grande povo.

Novas leis. Mas se estas não forem impregnadas de espirito cristão serão levadas como poeira deante do vento. Fora do cristianismo construis sobre areia. Insensatos.

Falais-me da razão pura e da consciencia. Palavras, só palavrado, pois que se a religião de Jesus Cristo não regula, depura e transfigura a razão e a consciencia.

Falais de justiça, de caridade, de solidariedade. Mas fora dos países onde a cruz foi plantada ignoram-se esses bens e perdem-se desde que se afastam de Jesus Cristo.

Falais de liberdade, de igualdade e fraternidade. Palavras vãs se se isolam do Evangelho, o único que pode dar a estas palavras realidades verdadeiras e vivas.

Direitos do homem. Mas os direitos do homem são inferiores e posteriores aos direitos de Deus e o cristianismo que promulgou os direitos de Deus, restaurou os direitos do homem.

Falais de paz, de ordem; de progresso social. Mas tudo isso são frutos do cristianismo. Quereis os frutos e regeitais a arvore que os produz.

Foi a religião cristã que depoz na alma moderna tudo o que ela tem de melhor. Se um só dia a religião desaparecesse, se um só dia esta fortaleza pudesse ser derubada, se Deus na sua justiça não retirasse a luz, poder-se-ia então apreciar o que valem as creanças cristãs e pela obscuridade medonha que se seguiria medir-se-ia o esplendor do sol que se apagou.

O' homens, vós deveis ao cristianismo tudo o que tendes de mais precioso e voltais tôdas estas luzes, tôdas estas forças, todos estes progressos que deveis ao Evangelho, contra a divindade do mesmo Evangelho. Ingratos. Em vez dele, palavras palavras, nada.

Há homens que nasceram ontem e morrerão amanhã mas que pretendem destronar Jesus Cristo e substituir a sua religião. O que são esses homens comparados com Jesus Cristo? Os seus pensamentos realisaram maior soma de bem no mundo? As suas virtudes foram maiores, os seus costumes mais castos, a sua autoridade mais alta?...

Até lá, não, e nós ficaremos ajoelhados, enternecidamente reconhecidos deante do divino Menino de Belem. Vamos para Ele, permaneçamos junto dEle, vivamos dEle.

Duas mulheres...

O feitor voltou naquela tarde em um estado deploravel, molhado e a escorrer como um pinto; o vento tinha-lhe tirado o chapéu fazendo-o dar mil voltas pela lama; o guarda chuva virou-se para trás e ele, de bigodes eriçados, em que cada cabelo parecia um prego de enripar, mal podia ainda respirar de ofegante e cansado.

Ora isto é que está o cão de um tempo!

Sacudiu as botas cheias de lama e vendo a professora que descia com umas cartas na mão, diz-lhe à queima roupa:

Menina!... Senhor João?... Alegre-se! Vá mandar acender das velas!... vinte velas!...

Porquê? Entrei hoje numa igreja. E como a fisionomia da rapariga mostrasse admiração, aproxima-se dela e enfiando-lhe os bigodes nos ouvidos diz-lhe a rir:

Mas olhe que foi por estar a chover e eu não tinha guarda chuva! E mostrou o estado desgraçado a que o vento e a chuva lho tinham reduzido.

Seja como fór entrou... E vai ver que se vai converter!...

Pobre pequenal!...

E, indo-se, com um gesto de quem não acreditava e em tom paternal, passou-lhe o jornal pela cara, desceu ao pé do dar ordem a uns serviços enquanto a professora, vendo-o partir, murmurava:

Pois sim, mas has-de converter-te, meu velho pagão... Tenho a certeza...

Uma pesca de primeira ordem. Um grande robalo. Mação não era, mas quanto ao mais!...

Terei uma alma? Existe Deus? Isso... não o preocupa.

A mulher é poupada, as acções do Banco vão subindo... isso é que o interessa.

Além disso, não tem vagar, preso à sua ocupação de manhã até à noite. Dentro de alguns anos pensa em retirar-se para a sua aldeia, viver o resto da vida em paz.

E não se lembrava da professora. Ora quando se fazem certos calculos é preciso calcular duas vezes. E o caso. Ela tinha lá bem arregada esta resolução na sua alma de cristã.

O feitor há-de este ano desobrigar-se, dê por onde der.

Ha-de ser, ha-de ser, ha-de ser! Ha onze meses que ela o atanaça, o cerca, o pica, aproximando-se, recuando, ladeando, conforme lhe parece conveniente.

Ha-de ser este ano. E que no dia 10 de abril ele tem de sair com o patrão e se o deixo, tenho depois de recomençar novamente.

Chegada a quaresma a professora precipitou a sua acção: resou, jejuou, sofreu, mas a valer e não simples arranhaduras na epiderme, mas deste sofrimento que atravessa a alma.

Isto lhe dava força para as grandes audácias, indo direita ao fim.

Senhor João, quer dar-me um prazer?...

Pois não, menina? Pois bem. Vá comigo esta tarde à Missão.

Ao sermão? Nunca na vida! Não é ao sermão, é à Missão. Não é a mesma coisa.

Que diferença ha? Vai ver. Não gosto dos franciscanos.

Não é franciscano. É um jesuíta? Menos ainda.

Seja como fór é um prior. Não, não é um prior. Então quem é?

É um missionário. É isso o que é? É um homem que tem viajado muito e conta muitas coisas interessantes.

Estou certa que havia de o ouvir com muito prazer.

As mulheres! Nem mulheres nem meias mulheres; trata-se de ir ouvir um viajante.

... De batinal!... E depois? E se me veem? Diga que é tarde e eu tinha medo e que para me ser agradável, por cortesia, me acompanhou...

E depois, com uma paciencia de anjo, tendo arredado uma a uma todas as pedras da fortaleza onde a irreligão do seu protegido se abriga, lá o conduziu à artilharia pesada dos missionários.

Logo ao primeiro assalto João ficou aturdido: prégou-se sobre a necessidade da salvação.

Ao segundo, revoltou-se: falou-se da morte.

Ao terceiro estava vencido: o mais terrível dos missionários pregara sobre o inferno.

Ainda que vencido o feitor não estava convencido, resolvido. O homem velho tentava ainda desesperadamente para defender a sua tranquillidade, numa

luta terrível lá por dentro, mas no fim de quinze dias de missão, mesmo na véspera de se retirar com o patrão, em um último assalto, João rendeu-se e de tal modo que ele mesmo disse que se queria confessar.

A professora foi para ele um guia ao pé do qual quer o Baedeher não valeria nada, e quando o viu partir, sério, grave, livro na algibeira, a pobre pequena que ha oito dias jejuava a pão e água, chorou de alegria.

Uma igreja dia de desobriga. Todos os confesionários estão cercados.

O feitor, que espera com paciencia já ha hora e meia, dá agora sinais de inquietação porque tem de estar ao pé do patrão às 11 horas.

Tira e volta a tirar o relógio: dez horas e meia... dez e quarenta... e enfim, só faltam três mulheres.

Minha senhora, pergunta ele a uma que está ao lado, pode dar-me a sua vez? Ela o olha um segundo e com esta intuição, esta presciencia, esta concepção

de quatro meses, que lhe exgotava hora a hora as suas forças cada vez mais débeis. Ainda se ele se alimentasse! dizia o médico.

Comecei então com algumas pessoas amigas uma novena a N.ª S.ª da Fátima, no quarto do doentinho, dando-lhe a beber da sua milagrosa água.

A medida que os dias da novena iam avançando, progrediam visivelmente as melhoras da criança. Começou a alimentar-se com apetite e no fim da novena radicou-se em nós a certeza de que N.ª Senhora o havia curado; parecia já outro!

Hoje está bem e considero-o milagrosamente salvo por intercessão de N.ª Senhora de Fátima.

Louvada seja Maria Santíssima. Coimbra, 1931.

Maria Ester da Silva Pratas

Úlcera no estômago

Herminia Fernandes, 19 anos de idade, natural de Portimão, internada no colégio de Regeneração em Braga, sofria ha muito tempo duma úlcera no estômago, não podendo tomar nenhum alimento, apenas o leite mas não o conservava, tudo vomitava, deitando muito sangue pela boca. Tinha dores muito fortes. Se tentava tomar algum alimento, as dores no estômago eram insuportáveis tendo de passar horas deitada de costas.

O Médico do Colégio, o Ex.º Sr. Dr. Leitão, que a tratava com o maior interesse declarou que era absolutamente preciso fazer uma operação ao estômago, sem isso nunca teria melhoras. Então a doente recorreu a N.ª Senhora do Rosário da Fátima, fazendo uma Novena diante da Imagem que tem no colégio, pedindo-lhe com todo o fervor que a curasse. Ao fim da Novena estava completamente curada, já ha perto de 2 meses que come de tudo e alimenta-se muito bem sem sentir o menor incomodo. Está completamente curada o que vem publicar para manifestar a sua gratidão a N.ª Senhora do Rosário da Fátima que com tanto amor e misericórdia a atendeu.

Bem dita seja N.ª Senhora do Rosário da Fátima. Herminia Fernandes

Graça espiritual

Quando meu desejo há quasi 7 anos entrar num convento, para poder cumprir com os meus deveres religiosos com mais facilidade, não me foi isso permitido, apesar de ter ido, a todas as Ordens Religiosas fazer esse pedido. Tendo sempre muita confiança em Nossa Senhora da Fátima, pedi-lhe com muito fervor viesse em meu auxilio. Nos dias 10, 11 e 12 de Maio comunguei e jejei rigorosamente e no dia 13, durante a sagrada comunhão, fui em espirito a Fátima, apesar de nunca lá ter ido pessoalmente, e pedi a Nossa Senhora com muito fervor que me concedesse a graça de entrar num convento, ainda que eu fôsse uma excepção à regra, porque não me aceitavam devido à minha situação um tanto inconveniente, e se fosse atendido prometi que mandaria celebrar uma missa e publicar a graça na Voz da Fátima. Pois logo no dia 15 de junho tive parte para entrar num convento como pedi, mas noutra casa religiosa onde posso à minha vontade cumprir com os meus deveres religiosos como era meu desejo. Eu não tenho palavras com que possa agradecer este grande favor à Nossa querida Mãe do Céu. A missa já foi celebrada. Pedia agora o favor de publicar esta graça.

Porto. Manuel do S. Coração de Jesus

Fractura

Colégio «Sacré-Coeur de Marie» Copacabana, R. de Janeiro

Graças de N.ª S.ª da Fátima

Tumor uterino

Laurinda Ferreira de Sousa, rua dos Bragas nº 103, Porto, vem agradecer muito reconhecida a Nossa Senhora da Fátima a grande graça da sua cura em 30 de junho de 1930.

Sofrendo, havia 5 anos, de grande dores no ventre com grandes e frequentes hemorragias, foi examinada pelo Ex.º Sr. Dr. Abel Pacheco que constatou a existência de um tumor que era necessário extirpar.

Tendo recorrido com muita fé a Nossa Senhora da Fátima, tomando um pouco de água de Fátima por ocasião da bênção do S.S. Sacramento, no referido dia, e na capela de Nossa Senhora dos Anjos, sentiu-se repentinamente muito melhor, julgando-se curada, não tornando a sentir dores nem aparecendo mais hemorragias.

Contudo a instancias varias deu entrada no hospital da Lapa para ser operada, mas não se realizou a operação porque o médico reconheceu que a causa do mal tinha desaparecido.

Laurinda Ferreira de Sousa

Abono a identidade da signataria e a veracidade do seu relato.

O Pároco de Sandim P.ª Artur da Assunção Saúde

Graças temporais

Venho pedir o especial favor de publicar duas graças que recebi de Nossa Senhora da Fátima.

Sentindo no lado uma dor importuna que não me deixava descansar nada, pedi a N.ª Senhora que me valesse, prometendo publicar a graça.

A dor passou-me como por encanto e não voltou mais.

A confiança que tenho em N.ª Senhora da Fátima veio-me de outra graça bem mais importante, que recebi ha uns sete anos. Tinha um incómodo interior com sintomas de cancro a tal ponto que resolvi ir ao hospital católico da Luriam (Guiana holandesa) onde havia um célebre operador que tinha curado varias pessoas que foram de Demerara.

Aquele médico começou em mim uma operação mas viu as coisas em tal estado que deixou tudo como estava e disse que não me dava senão um mez de vida.

O R. P. J. Nazareth S. J. veio visitar-me, quando voltei de Luriam e ficou com muita pena de me ver tão mal e sem esperanças de ser curado.

Por esta ocasião pessoas da familia que tenho na Madeira, fizeram-me conhecer N.ª Senhora da Fátima, mandando-me a água e fazendo uma novena por mim.

Tomei a água e logo comeci a melhorar de maneira que agora já vou por meu pé confessar-me aquele dito Padre e não sinto nada do meu incómodo. Fiz viagem para a Madeira e da Madeira fui a Portugal visitar a Cova da Iria para agradecer a graça recebida.

Agora em agradecimento mando inclusa uma pequena esmola para o templo que se está edificando.

Georgetown — Guiana Britanica Maria Amélia Lopes

Infecção intestinal

Tenho um filhinho de quatro anos que foi atacado de uma prolongada e perigosa doença: uma gravissima infecção intestinal com varias complicações, que o pôz às portas da morte. Tanto o médico assistente como outros dois médicos, com os quais aquele conferenciei por duas vezes, — todos professores distintissimos da Universidade de Coimbra e clínicos práticos e abalisados, — foram da opinião de que o meu filhinho não podia resistir a uma luta tão desesperada e violenta, como era aquela terrível doença

Venho pagar um tributo de gratidão a N.ª Senhora de Fátima pela cura completa duma fractura que sofi na perna direita, em consequencia duma queda, a qual, no entender dos médicos, não só era difficilissima, mas até quasi impossivel devido à minha idade (63 anos) e a outras circumstancias agravantes.

Prometemos então, minha boa Superiora e eu, enviar a N.ª Senhora de Fátima um dotativo de 40\$ se houvesse por bem fazer-me a graça que lhe pediamos, a de ser curada. A nossa querida Mãe do Céu ouviu benigna as súplicas da sua filha portuguesa, ha vinte annos desterrada de sua pátria.

Mil graças sejam dadas a tão boa Mãe!!

Também não posso deixar em silêncio uma outra manifestação do poder misericordioso de N.ª Senhora de Fátima.

Foi o seguinte: Quando após a queda que dei tentava um esforço para me levantar, vi que até o minimo movimento me era impossivel porque espantando-se-me os ossos nas carnes causavam-me dores agudissimas; minhas irmãs em religião em nada me podiam valer. Eu então, cheia de fé, exclamei três vezes: «Nossa Senhora de Fátima, valei-me!» E, caso maravilhoso! logo me pude levantar e seguir para o meu leito encostada a duas pessoas!!

Quanto a mim, penso que houve aqui graça extraordinária. Mas seja como for, o meu amor e a minha terna gratidão para com N.ª Senhora de Fátima não tem limites e render-lhe-ei eternamente continuos louvores pelas duas grandes graças recebidas na minha doença.

Que N.ª Senhora de Fátima, Rainha de Portugal, seja por todos conhecida e amada, eis o meu ardente anhel.

Segue um atestado médico:

Eu, abaixo assignado Doutor em Medicina pela Faculdade de Rio de Janeiro,

Atesto que em 12 de Janeiro do corrente ano tratei da religiosa do Colégio Sagrado Coração de Maria de Copacabana Irmã Marina, com 63 anos de idade, que vitima de um acidente soffrera fractura do collo do femur direito, — fractura confirmada pelo exame radiologico e que desta molestia a mesma senhora achava-se completamente restabelecida, tendo podido exercitar a marcha no fim de 30 dias.

Rio, 26 de Julho de 1931.

Dr. Estevão Gonçalves Castelo Branco
(Segue o reconhecimento)

Doença no estômago

Soffria do estômago havia mais de quatro annos; — tinha dores quasi continuas e o mais leve alimento aumentava os meus padecimentos. Tomei vários remédios, fui dois annos a Vidago, mas os resultados foram nulos. Por fim prometi a Nossa Senhora que durante um ano ininterrupto iria comungar todos os meses e dar uma esmola para o culto. Deixei os medicamentos que até então usava e comeci a beber de vez em quando um pouco de água da Fátima rezando cada vez que bebia a água três *Avé-Marias* e uma *Salve Rainha*, agora julgo-me completamente curada, pois que como e bebo de tudo mesmo das coisas que o médico me proibira e, graças a Deus, nada me tem feito mal.

Aos pés de Nossa Senhora agradeço-lhe aqui publicamente a graça que me alcançou do Céu.

Maria Vieira Catarino

Grças diversas

Venho agradecer à SS. Virgem duas graças corporais e uma espiritual.

A 1.ª recebi-a ha 3 annos aproximadamente. Um dia ao receber a *Avé-Maria* do S. S. depois de ter já recebido a Sagrada Comunhão pedi, por intermédio de Nossa Senhora, a Jesus que suavissamente os meus soffrimentos ao menos os que mais me affligiam. Graças a Deus, a-pesar da minha indignidade, desde aquele dia fiquei livre de uma dor agudissima que me atacava todos os dias e que medicamentos diversos não conseguiram sequer minorar.

A segunda graça que quero aqui agradecer a Nossa Senhora foi o amparar-me numa operação do ventre a que fui submetida, e que ia sendo fatal a ponto de 4 horas depois da operação ainda estar sem sentidos.

Apenas os recuperei pedi muito a Nossa Senhora da Fátima que me alcançassem melhoras prometendo-lhe 12 missas e uma visita ao seu Santuário na Fátima.

Fui atendido e já lá fui cumprir as minhas promessas. Foi lá que a Virgem Santissima me alcançou uma graça espiritual que ha 12 annos lhe pedia e de que lhe ficarei eternamente grata.

Ana do Val Quaresma

Sinfães — Piães.

Maria Teresa de M. B. de Portugal e Castro, de Fronteira do Alentejo agradece a cura duma inflamação que teve

no pescôço, cara e cabeça. Esta inflamação renitente aos medicamentos humanos desapareceu logo que sobre ela foi aplicada a água de N.ª S.ª da Fátima.

Marcelina Gomes Burnett Lapido, da R. de Pedrouços 29 — Lisboa, agradece a N.ª S.ª a protecção que lhe dispensou por occasião em que teve de soffrer uma operação no figado donde lhe foi arrancado um kisto. Apesar da gravidade da operação, porque já havia outras complicações tudo correu otimamente e agora sente-se curada.

Maria dos Santos Almeida, da Amoreira — Fátima, agradece a N.ª S.ª a cura de sua filha que soffreu de graves ataques no coração. Chegaram a tê-la como morta, depois mediante várias promessas a Nossa Senhora cuja água lhe deitavam na boca recuperou a vida e agora vive bem de saúde para amparo de seus 6 filhos o mais velho dos quais tem apenas 11 annos.

Basília Cabral T. de G. Menéres, da Praia da Água, agradece a Nossa Senhora uma graça espiritual que muito estima.

Francisca de Jesus Ferreira, da Azoia Leiria, agradece a cura de um mal estar continuo motivado por tosse e falta de ar. Agora encontra-se bem, graça que atribui a Nossa Senhora.

Maria do Carmo da Rocha Peixe, de Ilhavo, tendo recebido diversas graças vem pedir que lhe ajude a agradecer a N.ª Senhora tão grandes favôres que lhe alcançou.

Maria Pereira Vilhena, de Aveiro, agradece a cura de uma pessoa da sua família que soffria dores muito impertinentes.

José Fernandes Homem da Costa, da Ilha Terceira — Açores, sendo acometido por uma doença grave que chegou a ser considerada incurável, invocou Nossa Senhora da Fátima, e hoje encontra-se restabelecido.

Francisco Cardoso, do Vale de Canada Cadaval, agradece a Nossa Senhora a cura de dores nervosas que chegaram a tirar-lhe a vista. Hoje, depois de fazer com sua familia uma novena a Nossa Senhora e beber água da Fátima, encontra-se livre das dores e a vista foi recuperada, favôres que agradece a Nossa Senhora da Fátima.

VOZ DA FATIMA

Despesas	
Transporte...	291.593\$84
Papel, composição e impressão do n.º 109 — 93.500 exemplares...	6.441\$50
Franquia embalgens, transportes, etc...	1.576\$75
Na administração de Leiria	145\$50
	299.757\$59

Donativos desde 15\$00

Gracinda de Souza — C. de Senhorim, 15\$00; Estamarinda Aug. Madeira — Rochoso, 20\$00; Maria da Conceição Madeira — Jarmelo, 20\$00; Distrib. em Reguengo Grande — Moledo, 50\$00; Colégio Luso — Inglês — Évora, 20\$00; P.ª Ant.ª Calabote — Alcacer do Sal, 30\$00; Igreja de Guimarei, 17\$50; Sanatório «Rodrigues Semide» — Porto, 45\$00; Maria do C. da Rocha — Odiveiras, 15\$00; Maria da C. Vieira Alpiarça, 15\$00; P.ª José A. Dias — Cal. da Rainha, 20\$00; M.ª Isabel Raposo — Macáu, 15\$00; M.ª Filomena Miranda — S. Tirso, 15\$00; Fr. Miguel A. de Aguiar — Brasil, 15\$00; António Neto — Brasil, 15\$00; António Lopes da Silva — Brasil, 15\$00; Domingos da Assunção — Brasil, 15\$00; Feliciano Ferreira — Brasil, 15\$00; Maria Zelia de Moraes — V. Benfeito, 20\$00; António Rodrigues — Campo Grande, 30\$00; Bernardino Gomes — Negrelos, 15\$00; esmola de Celorico de Basto, 50\$00; anónima de Évora, 20\$00; Maria Izabel da Rocha — Lisboa, 40\$00; Maria Neto — Anadia, 20\$00; Lidia de M. Ferreira — Porto, 15\$00; Distribuição em Praia da Ancora, 33\$50; Maria da J. Leal — Carvoeira, 15\$00; Joaquim P. Gomes — Maranhão, 100\$00; Carolina M. Soares — Arcas, 20\$00; Angela V. Taveira — Porto, 15\$00; Amelia F. Peixoto — L. de Palmeira, 20\$00; José Pires — Monção, 15\$00; Adelaide Days — América, 26\$50; Francisca Pamplona — Açores, 40\$00; Luiza Fagundes — Açores, 30\$00; Cesarina da Piedade — Lisboa, 25\$00; José G. Papanate — Louzã, 20\$00; Sindazunda Ribeiro — P. da Bemposta, 20\$00; assinante n.º 3.047, 20\$00; Artur Leitão — C. Daire, 20\$00; Efigenia Pinto — Castro Daire, 20\$00; Ermelinda Neto F.ª — Chamusca, 20\$00; Amalia de Oliveira — Lisboa, 15\$00; Deolinda Maia — Oia, 78\$60; José M.ª C. de Oliveira — Nespereira, 20\$00; Albina de Oliveira — Coelho — Cascais, 15\$00; Delfina Pires — Ageda, 20\$00; Luciano de Almeida Monteiro — Lisboa, 300\$00; P.ª Joaquim Mota Pessoa — Cantanhede, 20\$00; Augusto de S. Doria — Lisboa, 20\$00; João Canavaro — Santarem, 20\$00; Distribuição em Grigó — Gaia, 100\$00; Dr.ª Weils de Oliveira — Lisboa, 20\$00; P.ª Joaquim dos Reis —

Porto, 100\$00; distribuição em Alcobaca 303\$20; P.ª Manuel Coutinho — Espozende, 50\$00; Maria de Seixas Patrício — Gavião, 15\$00; Guilhermina Onofre — Alenquer, 20\$00; Maria Eugénia Sarmento — Foz do Douro, 20\$00; Mr. Manuel Marinho — Foz do Douro, 100\$00; Elvira C. Real — Vizen, 20\$00; João H. de Figueiredo — V. N. de Tazem, 20\$00; Candida Carvalho — V. N. de Tazem, 20\$00; Ana Trigueiros — Alcains, 40\$00; Maria A. Coutinho — Vouzela, 20\$00; Margarida de M. Côrtes — Valega, 50\$00; Luís M. Ribeiro — A. dos Francos, 20\$00; Dr. Angelo Neves Tavares — Redondo, 20\$00; P.ª Silverio da Silva — Sêro Ventoso, 20\$00; Francisco L. Louro — Alcacer do Sal, 20\$00; Distribuição em V. F. de Xira, 40\$00; Distribuição em Cabeço de Vide, 50\$00; Maria Pereira — Espanha, 50\$00; Colégio D. Maria Pia — Ponte do Lima, 35\$00; Ana de C. Souza — Évora, 20\$00; Distribuição em Obidos, 25\$00; Maria da R. Barata — Alcains, 20\$00; Ermelinda Quintela — Guarda, 15\$00; Bernardino Alm. d'Oliv.ª — Bordonhos, 22\$50; esmola da Sr.ª Prof.ª de S. Pedro Fins, 50\$00; M.ª I. Sampaio — Lordele, 75\$00; António Monteiro — Louzada, 20\$50; Mr. Carlos Costa — Lourdes, 100\$00; Distribuição em Alcaria (B. Baixa), 100\$00; M.ª Fonseca Godoy — Campinas, 30\$50; Ant.ª F. Vieira — Brasil, 20\$60; Distribuição em S. Tiago de Cezimbra 80\$00.

AVISO

Como estamos quasi no fim do ano de 1931 e ainda há muitos Srs. assinantes que não satisfizeram a importância de suas assinaturas, muito se agradece que a satisfaçam mandando tal importância em carta ou vale do correio.

UM CASO ESPANTOSO!

O «Corriere della Sera» e outros jornais europeus descrevem um facto que se deu na Espanha, a 12 de Maio último por occasião dos incendios e assaltos praticados contra as instituições católicas e conventos pelos impios, comunistas e anticlericais. A furia diabólica destes reprobos não podia escapar nem o «Domo» de Sevilha, templo magnifico que se ergue naquella cidade, maravilhoso santuário para onde se convergem os fiéis em peregrinações de fé, piedade, e amor tributado à famosa imagem da Virgem do Carmo que ali se venera.

Justamente no momento em que alguns fiéis oravam diante da Virgem, penetrou na templo um grupo vandálico de comunistas e de sclerados que deram inicio aos seus trabalhos de destruição.

Eram cerca de duas horas da tarde. Centenas de lampadas e cirios ardiam, como símbolos de fé e amor, cercando o altar da Virgem do Carmo.

Estrugiram na igreja, panteras do averno, os sacrelagos revolucionários applicando logo fogo ao órgão, ao altar mór e à histórica capela da Virgem.

Alguns dos mais exaltados subiram acima do altar e atiraram ao chão a estatua fazendo-a em pedaços.

Um destes desgraçados profanadores pegou na cabeça da imagem e a levantou para cima, proferindo inauditas blasfemias e palavras de supremo ultrage.

Era o supremo triunfo do orgulho humano que tripudiava, com alegrias do inferno.

Deus, porém, não quiz mais ser paciente e disse: basta! Nem sempre a tolerancia é bondade!

Não havia ainda aquele satanaz em carne humana acabado de vomitar tida as suas blasfemias quando dá um uivo, como que um urro de animal feroz, e cái pesadamente no solo, fulminado, morto!

A assombrosa coincidência de uma apoplexia tinha vindo pôr termo aos seus miseráveis insultos a Deus, que avisa, espera, mas castiga!

A esta scena pavorosa fugiram todos, gritando com desespero e terror.

Os bons fiéis, prostraram-se por terra, reconhecendo o milagre e rezando com os olhos banhados em lágrimas de contrição.

O miserável vandalo jazia cadaver ao pé de uma columna, olhos esbugalhados, feições horrendamente contrafeitas no último espasmo daquelle morte horrivel.

Tinha apertada nas mãos rígidas a cabeça da estatua. Foi durante a noite removido daquelle lugar e sepultado.

Rapidamente se difundiu por toda a cidade a voz do milagre espantoso, suscitando em todas as pessoas a mais pungente impressão.

Havia assim Deus manifestado a sua tremenda intervenção para punir a ousadia humana e defender a honra de sua S.ª S.ª Mãe ultrajada meslittamente por um impio incendiário tão miserável!

Lírios de inocência entre os espinhos do vício

Há 25 annos, um padre da cidade de Munich, na Alemanha, foi chamado para sacramentar uma doente. Soube, pelo portador, que a moribunda era empregada numa espelunca onde o vício reinava.

Era um caso extraordinário; mas não duvidou em acudir à chamada.

«No céu, diz o Evangelho, haverá maior júbilo por um pecador que fizer penitência, do que por noventa e nove justos a quem não é necessária a penitência» (Luc., 15 7.)

Numa morada muito pobre, o jovem sacerdote foi alegremente acolhido.

Tendo recebido os santos sacramentos e rezado as orações que concedem a indulgência plenária no momento da morte, pediu a moribunda:

— Agora, Vossa Rev.ª tenha a bondade de abrir aquella gaveta e de me dar a minha grinalda da Primeira Comunhão.

O padre satisfez-lhe o desejo. Ela acariçou a grinaldazinha e disse:

Tinha apenas 11 annos, quando me vi forçada a ganhar o pão. Por 12 annos, fui empregada nesta estalagem onde não reina a virtude, mas o vício. Porém, leve a minha grinalda ao túmulo, tão intacta como no dia da minha Primeira Comunhão; posso guardá-la no sepulcro e também no céu. Tal felicidade devo-a às aulas de catecismo e a minha mãe, doente por longos annos, para quem me cumpria ganhar o dinheiro com que pagava ao médico.

Hoje, esta alma, que se conservou pura no meio do mais vil e impudente vício, com a sua grinalda, pode celebrar as bôdas de prata no céu, enquanto o seu exemplo preservou outras meninas da queda.

Prova-o este mesmo sacerdote, com o seguinte facto:

Costumava contar este acontecimento nas aulas de catecismo e, 15 annos depois da morte da referida jovem, foi sacramentar uma empregada que lhe disse:

— Agora dê-me a minha corôa da Primeira Comunhão, pois sempre me lembrava da história da rapariga que V. Rev.ª nos contou no catecismo, e foi esta lembrança que me guardou do mal.

Fale este exemplo também às donzellas dos nossos dias que, com leviandade desnecessária, expõem ao maior perigo o tesouro mais precioso que possuem, o lírio da pureza, e curvam-se às ordens da moda imoral e anti-civilisadora.

UM CONSELHO DA «IMITAÇÃO»

Com muita sabedoria diz a *Imitação de Cristo*: — Não faças consistir a tua paz na boca dos homens; se pensarem de ti bem ou mal, não serás por isto homem diferente.

E o mesmo pensamento de S. Francisco de Sales, que costumava dizer: «Pouco se me dá que falem de mim bem ou mal. Com isto nem fico melhor, nem pior. Serei tão sómente o que sou diante de Deus».

Todo o nosso mal vem de nos preocuparmos em demasia com o que pensam e dizem de nós.

Dai, meu Deus! tanta intriga, tanta malquerença, vinganças, inquietações, e a paz do coração lá se vai.

A caridade cristã, é calma, pacífica, doce, suave; desculpa, perdôa, esquece as injurias; para acima destas ninharias e ridiculas intrigas, não se mete em tramas de enredos e mexericos. E mister um pouco de nobreza de caracter e de sentimentos para se afastar do ambiente dos intrigantes que hoje infelizesmente são muitos.

Falam bem de nós?

— Deus seja louvado!

— Falam mal?

— Também... Louvado seja Deus!

Com isto não ficamos nem melhores, nem piores do que somos.

Há pessoas preocupadas em demasia com a opinião alheia, vivem a interrogar, a prescrutar, a inquirir ansiosamente: — Que dizem? Que pensam de mim?

Nada mais inútil e por vezes até ridiculo.

A opinião dos homens é variavel, instável, arbitraria e tolo é quem nela crê.

Hoje, pelo mundo somos canonizados, declarados santos, elevados até às honras do altar. Amanhã, uma suspeita, uma calúnia é o suficiente para que venha abaixo todo o castello do nosso elevado aprego e a consideração, construido sobre a areia movediça da opinião alheia.

Portanto sigamos o conselho da *Imitação*:

— «Não faças consistir a tua paz na boca dos homens»...

O Santo Abade de um Mosteiro, dêra a um frade que se queixava de injurias recebidas este lindo original conselho: — Meu amigo, vá ao cemitério e grite bastante contra os mortos, fale mal deles, e injurie-os quanto puder.

O frade obedeceu bem contrafeito, e veio dar conta ao Abade da ordem cumprida.

— Agora, meu caro, volte novamente ao cemitério e elogie os mortos.

Foi cumprida à risca a nova ordem.

— Desta vez, pergunta o Abade, que responderam os mortos, meu amigo?

— Nada, meu Padre, nada absolutamente...

— E da primeira vez?

— Também ficaram calados, como é natural...

— Pois meu caro irmão, faça também assim quanto à opinião alheia... Imite os mortos que ouvem em silêncio as injurias e os elogios e terá socêgo e o paz do coração!!

Belo exemplo e útil lição! Aproveitê-mo-la.

Na tocante biografia do Santo Curro D'Arç, escrita pelo P. Monin li este facto que vem aqui, bem a propósito:

Num dos seus interessantes catecismos populares, o Santo Cura, disse ao povo:

— «Meus irmãos, hoje recebi duas cartas. Numa dizem que sou um homem virtuoso, um verdadeiro santo, noutra que não passo de um comediante, um grande charlatão».

E o santo leu ao povo as duas cartas bem interessantes e contraditórias, terminando:

«A primeira carta, nada me acrescentou; a segunda nada me tirou...

Sou ainda o mesmo».

E com esta filosofia toda sobrenatural que os santos acolhem indiferentes, elogios ou injurias, desprezos ou atenções.

Não somos santos, é verdade, mas tenhamos pelo menos, um espirito superior. Elevemo-nos acima de todas estas intriguinhas, estes mexericos de aldeia.

Venja tudo a nosso paciência, e triunfe a caridade de Jesus Cristo em nossos corações!

(de a «Avé Maria»)

Uma mula compassiva

Havia em Roma um célebre filosofo, Martinho Azpilcueta, a quem pontífices e reis folgavam de prestar homenagem.

Era homem de saber e ao mesmo tempo de grande virtude.

Jejuava frequentemente e com jejum tão rigoroso que muitas vezes não comia nada até ao sol pôr-se.

Mas este homem, tão rigoroso consigo, era liberalissimo para com os pobres. O que tinha de melhor à mesa, guardava-o para o dar aos pobres, e estes já conhecedores da sua caridade, esperavam-no de um lado e do outro do caminho por onde elle tinha de passar, e às vezes tão sófregos caíam sobre elle que chegavam a atropelá-lo e a deitá-lo por terra. E elle, em vez de se zangar, ria-se ainda por cima do caso.

Quando às vezes succedia passar por um pobre sem o ver, ainda assim não ficava frustrada a sua caridade, porque a mula em que por via de regra andava montado, sabedora por experiência, dos usos e costumes do seu amo, mal topava com um pobre, parava, chamando assim a atenção de Azpilcueta, e só tornava a andar depois de o pobre ter sido remediado.

Ditosos aqueles que andam na graça do Senhor e a quem os próprios animais ajudam a fazer o bem!

São os mais ricos dentre os homens, mas dessa riqueza que os ladrões não podem roubar, nem a traça nem a ferrugem destruir, dessa riqueza que encanta sempre a vida.

Descanso dominical

«O Domingo é o dia marcado ao homem pela divina Providência, para fazer-lhe conhecer sua verdadeira grandeza. Nesse dia, tomando Deus pela mão o trabalhador dos campos ou das cidades — diz-lhe: — «Vem, deixa por um dia esse fato grosseiro, fato do peccado, do trabalho, da penitência, das lágrimas; toma as vestes da alegria e de festa: Ouves este sino que despertou com a aurora? É para chamar-te à minha casa, que é também tua. Somos chegados ao dia da oração das orações, ao dia do grande Sacrificio. Vem, ouvirás as minhas palavras, recolherás as minhas lições e, enquanto as tuas forças se restauram em repouso bem merecido, o teu espirito se alimentará de pensamentos graves e o teu coração gozará desta paz que só se encontra no meu próprio Coração».

Este numero foi vizado pela Commissão de Censura.